



SAMBISTAS (E)EVANGÉLICOS

SAMBISTS (AND) EVANGELICS?

Mauro Cordeiro de OLIVEIRA JUNIOR¹

Leonardo José Gama da CRUZ JUNIOR²

¹ Doutorando em Sociologia e Antropologia pela UFRJ.

² Graduando em Ciências Sociais pela UFRRJ.





RESUMO

No presente trabalho, o objetivo é discutir a relação entre o samba, pensado aqui como gênero musical mas também como um sistema cultural que envolve um complexo de saberes, práticas e representações; e as religiosidades, sobretudo evangélicas e neopentecostais. Através de uma pequena revisão bibliográfica o ensaio pretende questionar a ideia de uma identidade monolítica e totalizante em uma sociedade heterogênea onde os sujeitos participam de construções plurais e diversas.

PALAVRAS-CHAVE

Samba; Evangélicos; Carnaval; Cultura Popular.

ABSTRACT

In the present work, the objective is to discuss the relationship between samba, thought here as a musical genre but also as a cultural system, complex of knowledge, practices and representations; and religiosities, especially evangelical and neo-Pentecostal. Through a small bibliographic review the essay intends to question the idea of a monolithic and totalizing identity in a heterogeneous society where the subjects participate in plural and diverse constructions.

KEYWORDS

Samba; Evangelicals; Carnival; Popular culture.





INTRODUÇÃO

A relação entre o carnaval carioca, ou melhor, entre as escolas de samba do carnaval carioca e as religiões é marcada pela ambiguidade. Ao mesmo tempo que as religiosidades historicamente se constituíram como importante fonte de narrativas para os desfiles; alguns episódios evidenciam disputas e tensões entre os dois universos. Ao longo dos anos vimos desfilar pela avenida enredos sobre as mais variadas formas de crença, rituais, festas e celebrações de caráter religioso. Também vimos, em eventos distintos, a religião institucionalizada denunciar e/ou coibir as agremiações em sua forma de expressão.

O carnaval foi sobretudo um espaço importante para a afirmação de religiosidades afro-brasileiras. Mesmo com dispositivos legais e arcabouços jurídicos que garantissem a liberdade de crença, as religiosidades afrodiáspóricas, produto das populações negras, sofreram e seguem sofrendo sistematicamente com o racismo religioso. Desde o Estado, classificando suas práticas como magia e apreendendo objetos rituais, até as construções simbólicas que as associam, de forma eurocêntrica, ou melhor, *crístocêntrica*, ao mal. Nesse contexto, as escolas de samba foram importantes espaços de afirmação, divulgação e promoção das religiosidades afro-brasileiras através dos seus sambas e enredos.

Já com as religiões cristãs a relação nem sempre foi pacífica. O carnaval de 1989 é um exemplo de tensão. A Beija-Flor de Nilópolis apresentava o enredo *Ratos e Urubus larguem a minha fantasia*, e teria em seu abre-alas um Cristo mendigo. Nas proximidades do carnaval a Arquidiocese do Rio de Janeiro conseguiu na justiça uma liminar impedindo a apresentação da





alegoria que desfilou coberta e com uma faixa com os dizeres: “Mesmo proibido olhai por nós!”, em um momento célebre da história do festejo de Momo.



Foto: Sebastião Marinho / Agência o Globo (07-02-1989)

Este episódio emblemático é apenas um exemplo de conflito aberto entre escolas de samba e religião. A Igreja católica no caso agiu para impedir a reprodução da imagem de Jesus Cristo adaptada ao contexto e ao discurso do enredo. Dentro desta ação, podemos pensar como a Igreja atuou para evitar o que seria uma espécie de profanação de uma imagem sacra, ou seja, a utilização de uma imagem sagrada em um cortejo carnavalesco, associado historicamente dentro da doutrina católica ao profano.

No carnaval 2020 a Estação Primeira de Mangueira teve como enredo *A verdade vos fará livre*, que indagava sobre uma possível volta de Jesus Cristo nos tempos atuais e o colocava em sua narrativa como um sujeito negro, pobre, nascido no morro que dá nome a escola. O objetivo era pensar a partir da sociedade contemporânea o Cristo histórico.





Foto: Fabio Tito/G1

O enredo da escola causou polêmicas e reações acaloradas. Porém, desta vez não foi a Igreja Católica quem reagiu, mas sim um conjunto de atores sociais relacionados ao campo evangélico. De pastores e lideranças até o Presidente da República, diversos atores ligados ao universo evangélico criticaram a escolha pela vida de Jesus Cristo como tema de desfile de uma escola de samba.

Nas últimas décadas o Brasil tem visto um aumento significativo do número de fiéis evangélicos. É importante notar que sob esta classificação existem sujeitos de variados matizes cristãos passando do protestantismo clássico ao neopentecostalismo, em doutrinas, práticas e denominações cristãs não católicas que vem crescendo de forma acelerada no país tanto no número de pessoas, quanto na sua presença midiática, atuação política e social.

Mariano (2004) vai nos mostrar que o neopentecostalismo é a doutrina dentro do campo evangélico que mais cresce, graças também ao seu destacado papel e atuação nas mídias. Stolow (2014, p. 148) adverte que:





não pode haver nenhuma maneira de compreender totalmente o reposicionamento atual da religião no mundo moderno sem levar em conta os modos pelos quais as questões religiosas estão sendo reorganizadas e redefinidas pelas práticas, processo e sistemas de mídia moderna.

A relação entre o neopentecostalismo e as religiões afro-brasileiras é radicalmente conflituosa. Segundo Oro (1997) esta relação é uma guerra deflagrada pelos neopentecostais as religiões de matriz afro. Segundo o autor, esta vertente irá demonizar estas práticas religiosas e atuar abertamente de forma intolerante. Esta questão é fundamental para pensarmos como o carnaval é percebido como um espaço de *batalha espiritual*, ou seja, onde o enfrentamento aos males diabólicos seria constante.

o ‘mundo’ é povoado por forças demoníacas que interferem diretamente na vida das pessoas, causando-lhes os males e manifestando-se mais à medida que nos aproximamos da vinda de Cristo; daí a necessidade de “libertação”, da uma guerra espiritual, extenuante e sem perdão. Por isso, a expulsão dos demônios inscreve-se no presente, a batalha ocorre hoje mesmo e ela precisa ser repetida todos os dias. (ORO, 1997, p. 18)

Esta relação de guerra entre o neopentecostalismo as religiosidades afro-brasileiras, repercute diretamente no universo das escolas de samba. O samba, produto das comunidades negras, nasceu, cresceu e se desenvolveu em contato com as religiosidades negras. Se transformou em voz, forma de expressão de sujeitos periféricos que, ao longo de um processo histórico, se transforma em símbolo nacional.

As escolas de samba se consolidaram historicamente não só como associações comunitárias negras, também como elementos importantes na construção de subjetividades periféricas. Foi através do samba e mais





especificamente das escolas de samba que estes sujeitos conseguiram dialogar com a cidade, mostrar através da sua arte que existiam e possuíam seus valores, ideias e projetos. Com base no *Dossiê das matrizes do samba no Rio de Janeiro*, e nas descrições do IPHAN, as religiões de referência ao gênero musical são a católica e as de matriz afro-brasileira, afastando os evangélicos dessa construção social.

Feito este preâmbulo, o objetivo deste breve ensaio é pensar a relação entre samba e evangelicalismo. Será possível um sambista evangélico? Para este propósito iremos discorrer sobre territorialidade e identidades para compreender a autoconstrução dos sujeitos no mundo moderno.

1. IDENTIDADES TOTALIZANTES E PERTENCIMENTOS PARCIAIS

No mundo moderno, iluminista e racional, o sujeito é pensado como portador de uma identidade; ou seja, é classificado a partir de uma característica ou condição. Se pensarmos na tradição marxista, a humanidade está dividida em duas classes sociais, ou dois tipos de sujeitos: proletários e burgueses. Esta é uma forma de classificação que confere ao sujeito uma identificação, aproximando-o de uns, diferenciando-o de outros. Operações semelhantes são feitas em relação a marcadores sociais da diferença como etnia e gênero.

Stuart Hall (2006) vai abordar como na pós-modernidade ou modernidade tardia haverá um descentramento dos sujeitos, oriunda de uma fragmentação das paisagens culturais que irão provocar a transformação de identidades pessoais. Ao invés de localizações sólidas do indivíduo social baseada em fatores como nacionalidade, raça-etnia, gênero e classe, o que se configura é uma crise de identidade, descentrado a definição do sujeito em múltiplas possibilidades.





Problematizando esta questão da identificação, o próprio Stuart Hall (2014, p. 106) nos faz perceber que ela tem como objetivo “o fechamento e a marcação de fronteiras simbólicas, a produção de “efeito de fronteiras”. Para consolidar o processo, ela requer aquilo que é deixado de fora – o exterior que a constitui”.

Quando pensamos em um sujeito sambista, partindo do senso comum, são acionadas ideias relacionadas ao universo do samba para compor esta identidade. O mesmo ocorre ao se imaginar um sujeito evangélico. O ponto em comum é que não se imagina ser possível os dois pertencimentos como parte da construção identitária de um mesmo sujeito. Esta dúvida da possibilidade está assentada na concepção de que existem valores dentro destes universos culturais que se contradizem, são opostos.

Segundo Frederik Barth (2000), as concepções de cultura existentes são totalizantes, sistêmicas, coerentes e organizadas, afetando diretamente o modo de vida os membros da sociedade. O autor propõe reformular o conceito de cultura, questionando-o como a forma de estudo da dimensão simbólica e expressiva da vida social. No decorrer de seu texto, Barth vai atentar para o caráter contraditório, múltiplo e não uno da cultura. Defende que o que de fato ocorre na sociedade é uma multiplicidade de padrões parciais que interferem uns sobre os outros, e se estabelecem em diferentes graus nas diferentes localidades e nos diferentes campos; e que se deve duvidar de toda a afirmação de coerência, salvo quando tiver sido devidamente demonstrada. Há, então, uma diversidade de padrões parciais e não um único padrão totalizador. A pluralidade é, portanto, fator central em Barth.

As pessoas participam de discursos múltiplos, diferentes, parciais, simultâneos, portanto, a construção cultural que se faz da realidade não





é monolítica, advém de mais de uma fonte. Isso significa dizer que se faz necessário entender as construções identitárias como processos múltiplos, não totalitários; ou seja, os indivíduos não se constroem a partir de uma única fonte, mas através de várias que interagem, coexistem.

Um indivíduo se constrói através dos múltiplos discursos, visões e valores aos quais se relaciona. Sua construção identitária é plural e dá conta de uma série de fatores diversos sendo impossível atribuir a alguém uma identidade monolítica, única, em um universo de diversidade e contato heterogêneo. A cultura segundo Barth (2000) é distributiva. As correntes são parciais, compartilhadas por alguns e não por outros.

O samba, ou melhor, ser um sambista não é uma experiência única e igualitária para todos. Existem sambistas que participam, se identificam e reproduzem este modo de vida e visão do mundo de formas diferentes, em escalas distintas. Na realidade, o samba para além de um complexo de saberes é um gênero musical e como nos mostra Trotta (2011) é difícil associar música popular e identidade, pois na realidade, a música enquanto uma prática cultural seria o resultado de cruzamentos diversos de experiências individuais e coletivas, no cenário das cidades.

São processos de construção, que mesclam, bebem, misturam, produzem teses, antíteses e sínteses das múltiplas referências que a produzem. Além disso, por ser um produto comercial, a música popular tem circulação em larga escala e atores sociais, diversos, se apropriam de maneira heterogênea. O próprio sentido do que é ser sambista é plural, aberto, não sendo possível pressupor uma forma única identitária relacionada a este universo. Um sambista pode ser tanto alguém que se identifica com este gênero musical





quanto alguém que participa de um coletivo pautado nessa cultura como uma escola de samba.

Ao mesmo tempo, não é possível imaginar que o pertencimento religioso seja preponderante na construção identitária de um sujeito. Além da religião diversos outros fatores fazem parte e constroem a subjetividade dos indivíduos. Como diz Machado (2020, p. 87) “a fidelidade à igreja não exclui as demais fidelidades das pessoas em sua vida social”. Sendo, inclusive, possível pensar em pontos de contato entre esses dois sistemas culturais: o samba e o pentecostalismo.

2. ONDE O SAMBA E O NEOPENTACOSTALISMO SE ENCONTRAM

Em seu trabalho sobre a Marcha pra Jesus, Sant’ana (2017) analisa que o crescimento vertiginoso dos evangélicos estaria ligado ao fenômeno de “êxodo rural” e expansão das zonas urbanas na metade do século XX, gerando aumento nas desigualdades e a criação de favelas nas grandes cidades. É exatamente nesse território que o evangelicalismo, principalmente a corrente pentecostal, vai ganhar mais força, pela maleabilidade em enfrentar desafios onde o tradicionalismo católico encontrava barreiras.

Machado (2020) entende que os repertórios das experiências pentecostais nas periferias, e a evidência do número cada vez maior de pastores e personalidades evangélicos, conflagram, nas últimas décadas, que falar sobre periferias urbanas é falar sobre pentecostais no Brasil. A autora ainda salienta que práticas pentecostais nas periferias têm aberto possibilidades de diálogo por meio do cuidado, da assistência social e do enfrentamento à violência, tema de importância central no cotidiano dessas comunidades.





Dentre as justificativas apresentadas por Sant'ana (2017) para o crescimento da religião em regiões periféricas está a teologia da batalha espiritual. Com base nos argumentos da sua tese, a leitura dessa liturgia se dá na derrubada das fronteiras da vida material-espiritual, como se a luta contra o Diabo se transportasse da amplitude divina para as esferas do cotidiano. Dessa forma, a necessidade constante de ocupar os lugares seculares com a finalidade de tomar o poder das forças demoníacas.

O fenômeno evangélico, sobretudo neopentecostal, é territorializado: ocorre nas periferias. É justamente por este fator territorial, ou melhor, é justamente nessa territorialidade que samba e evangelismo se encontram como formas culturais populares e periféricas.

No bojo dessas discussões, a festa da carne sempre foi um inimigo público dessa filosofia litúrgica, a outorga da chave da cidade na mão do Rei Momo é o signo da entrega da administração do território para os principados e potestades das hostes malignas³. Pelo aproveitamento do feriado prolongado e fuga da condição de maldição da cidade, é usual que grupos de evangélicos frequentemente se retirem para um exílio espiritual neste período. Contudo percebe-se movimentos de ressignificação da prática evangélica durante o carnaval.

Vale destacar o trabalho de Oosterbaan (2017) no acompanhamento de dois blocos carnavalescos evangélicos no Rio de Janeiro. Enquanto há a ideia, baseada na teologia da batalha espiritual, que durante o carnaval a cidade é uma local ocupada pelo mal levando fiéis a retiros; também existem iniciativas no campo evangélicos de ocupar as ruas durante o

³ Sant'ana (2017)





carneval com formas de organização carnavalescas que tematizam o evangelho. Em sua estrutura destacam-se os sambas-enredo, típicos das escolas de samba, apropriados aos seus objetivos e cumprindo o papel ritual de tornar pública as narrativas propostas.

Oosterbaan (2017) demonstra como estes blocos carnavalescos evangélicos são formas de ocupar o espaço público no período pensado como imoral e mundano em uma estrutura análoga a das escolas de samba, símbolo máximo do carnaval carioca. Ainda assim, o objetivo desses blocos não era festejar, mas para evangelizar. Isto nos faz pensar sobre como o formato escola de samba em suas características organizacionais se expandiu tornando possível, inclusive, sua adoção por outros grupos sociais.

Ao estudar o sambista Waguinho, Machado (2020) demonstra que ele se mantém fiel ao samba mesmo após seu processo de conversão e, na realidade, vai tornar o gênero musical um instrumento do seu trabalho religioso. Nesse sentido, as fronteiras entre o universo evangélico e o mundo do samba se mostram fluídas através da ação dos sujeitos.

Tanto os blocos carnavalescos quanto o samba gospel são formas de pensarmos como o samba pode vocalizar ou expressar pautas e interesses distintos. Além disso, graças a sua afirmação no cenário da música popular, como gênero, sua produção pode ser feita por agentes das mais variadas origens. Também existe o contrário: a presença evangélica no universo do carnaval.

Anderson Paz é um intérprete nascido no Complexo da Maré, Rio de Janeiro, em 1973. Sua trajetória inclui a passagem por diversos grupos de pagode e blocos carnavalescos até se consolidar como um importante cantor do universo do carnaval carioca. Sua carreira foi interrompida





brevemente em 2013 quando estava na Acadêmicos da Rocinha e decide se afastar por ter se convertido.

Após aceitar o convite de um amigo para visitar uma Igreja Batista, o cantor se torna evangélico e decide encerrar suas funções profissionais, decisão que seria revogada no ano seguinte, com seu regresso a função de intérprete na Porto da Pedra com um novo nome artístico: Anderson Paz de Deus.

Por mais que possa parecer incomum, o caso de Anderson não é único. Ano após ano, reportagens sobre a presença de evangélicos tem tomado as páginas jornalísticas de diversos sites que realizam cobertura sobre carnaval. Entretanto elencamos o caso supracitado por suas particularidades analíticas: um intérprete canta o samba-enredo da escola no desfile, empresta sua voz à narrativa de um cortejo extremamente ligados as culturas afro-brasileiras onde a presença de evangélicos é tida como tabu. Na realidade o caso nos ajuda a compreender como estas identidades e pertencimentos são múltiplos e ressignificados pelos próprios sujeitos. O carnaval pode ser, para alguns, um espaço profissional, independente da sua religiosidade.

CONCLUSÃO

Quando pensamos no carnaval das escolas de samba é necessário perceber que este transformou-se em um grande espetáculo. Mobilizando uma crescente indústria de profissionais, configurando um circuito de mercadoria, atraindo espectadores e criando uma rede de relações tão plural quanto diversa que extrapola os limites das próprias agremiações, o carnaval carioca é um evento de destaque do calendário nacional.





Sendo produtos dos morros e subúrbios cariocas, de territórios periféricos, as escolas são espaços onde sujeitos transitam e vivenciam o universo do samba. Porém, o samba não é o único sistema cultural ao qual estes sujeitos estão em contato, e quando pensamos nas periferias hoje é flagrante o crescimento do número de evangélicos, sobretudo dos neopentecostais, tornando esta religiosidade um importante fator do cenário social periférico.

Não é à toa, nem contradição, portanto, o número crescente de profissionais e amantes do carnaval que professam a religiosidade evangélica. Se há diferentes formas de ser sambista também são variadas as maneiras de ser religioso e os indivíduos se constroem, de forma identitária, nas relações entre os vários discursos e sistemas de ideias e valores aos quais entram em contato ou mundos sociais a que pertencem.

REFERÊNCIAS

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. Quem precisa de identidade? IN: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 14. Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

MACHADO, Carly. **SAMBA GOSPEL: Sobre pentecostalismo, cultura, política e práticas de mediação nas periferias urbanas do Rio de Janeiro**. Novos estud. CEBRAP [online]. 2020, vol.39, n.1, pp.81-101. Epub 10-Jun-2020. ISSN 1980-5403.





MARIANO, Ricardo. **Expansão pentecostal no Brasil: O caso da Igreja Universal.** Estudos Avançados (USP. Impresso), São Paulo, v. 52, p. 121-138, 2004.

Sant'Ana, Raquel. **A Nação cujo Deus é o Senhor: a imaginação de uma coletividade “evangélica” a partir da Marcha para Jesus.** Tese (doutorado em antropologia social), Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017

OLIVEIRA JUNIOR, Mauro Cordeiro de. **Carnaval e poderes no Rio de Janeiro: escolas de samba entre a Liesa e Crivella.** 2019. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Departamento de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

ORO, Ari Pedro. **Neopentecostais e afro-brasileiros: quem vencerá esta guerra?** Debates do NER, v. 1, n. 1, 1997.

Oosterbaan, Martijn. **“Transposing Brazilian Carnival: Religion, Cultural Heritage, and Secularism in Rio de Janeiro”.** American Anthropologist, v. 119, n. 4, 2017, pp. 697-709.

